

REPETIÇÃO E DIFERENÇA NA FALA DA CRIANÇA: DIFERENÇA É SINGULARIDADE?

Maria Francisca Lier-DeVitto¹
Lúcia Arantes²

RESUMO: Este trabalho aborda a questão da singularidade a partir do paralelismo, manifestação da força estrutural que suporta a fala de crianças com idade aproximada de 2,6 a. - tempo em que elas dão sinais de ter conquistado certa autonomia em relação à fala do outro. Trata-se de um momento em que fenômenos linguísticos particulares irrompem em sua fala, assinalando um distanciamento da fala do outro, ou seja, um descolamento da criança em relação à dependência dialógica estrita e imediata. Neste segundo tempo estrutural, a repetição é índice de mudança de posição subjetiva, i.e., de “falada pelo outro”, a criança passa à posição de ser “falada pela língua”. Aborda-se a face heterogênea da repetição, que implica a problemática da diferença. O paralelismo serve de disparador das considerações desenvolvidas no artigo porque ele permite situar com nitidez a repetição da fala do outro, que é porta de ingresso na linguagem, e a repetição sintomática, expressão do fracasso da criança na trajetória de vir a ser falante. Interroga-se, ainda, se poderia a singularidade ser recolhida, isto é: seria possível descrever o singular? Nosso argumento é que “singularidade”, quando se assume a hipótese do inconsciente, é enigma e não resultado que se anota ou registra. Introduzir a problemática do inconsciente envolve aprofundar a discussão sobre repetição e singularidade. Conclui-se que singularidade liga-se à repetição, mas a uma repetição que escapa à ciência. A Psicanálise articula repetição a inconsciente (ao Real). Ela, a repetição, é “insistência” porque a singularidade que a comanda é esquiva e se manifesta como semblante. Nesse caso, singularidade é aquilo que não faz classe, que escapa à possibilidade de ser tratada a partir da relação simbólico/imaginária. Nisso reside o enigma da singularidade, que surpreende enquanto efeito.

PALAVRAS-CHAVE: paralelismo, repetição e diferença, singularidade, inconsciente.

ABSTRACT: This article approaches the singularity issue focusing on the linguistic phenomenon named parallelism, which most interested Jakobson who, in different studies, shed light in its unequivocal relevance. Considering child speech, such an intriguing manifestation emerges as a structural power sustaining, in a cohesive way, the expansion of the child’s speech and its starting autonomy in relation to the other’s utterances. It could be said that parallelism not only stands as an index that the child begins to entertain a peculiar relationship with language itself, but also that s/he has moved to a different subjective position regarding other. Parallelism and change in subjective position seem to come together. Parallelism is conceived of as the repetition of a structural pattern which allows for a vivid internal mobility. It should be said that of particular interest to this paper is the fact that parallelism contrasts with the more empirical previous repetition in language acquisition

¹ Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. Pesquisadora do Setor de Patologias da Linguagem (SPL) da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic), da mesma Universidade. f.lier@uol.com.br

² Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. Fonoaudióloga do Setor de Patologias da Linguagem (SPL) da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC), da mesma Universidade. Chefe do Departamento de Fonoaudiologia. loureiroarant@uol.com.br

(dialogically dependent), as well as with a child's symptomatic repetition (failure to move forward). The question we raise is the following: "could singularity be taken as an observable, describable phenomenon?" – a negative answer is given and discussed. When the Freudian hypothesis of the unconscious is admitted, singularity is seen as unpredictable and enigmatic, as an effect which can be theorized but not described. We state that repetition and singularity are articulated to each other, but in a way which has not interested scientist. Psychoanalysis links repetition and singularity to *the unconscious*. Singularity appears as an insistent pulsation since it fails to entwine with Symbolic/Imaginary, which are the language registers. Singularity is evasive and shows its flashes as a *simulacrum*. According to the viewpoint introduced in this paper, singularity should not be treated under the Symbolic/Imaginary relationship. Singularity effects are enigmatic because they have to do with the Real (the unconscious).

KEYWORDS: parallelism, repetition and difference, singularity, the unconscious.

A questão da **singularidade** será abordada a partir do *paralelismo*, manifestação linguística de força estrutural, que sustenta falas de crianças com idade aproximada de volta dos 2,6 a., seja em diálogos (LEMOS, 2006), seja em monólogos (LIER-DeVITTO, 1998, 2011)³. O paralelismo emerge num tempo em crianças dão sinais de ter conquistado certa autonomia em relação à fala do outro. Trata-se de um momento em que fenômenos linguísticos particulares (erros e composições insólitas) irrompem e imprimem marcas nos enunciados infantis que justificam a expressão "fala de criança" – fala diferente daquela do adulto (representante da língua constituída). Trata-se de enunciados que a criança não ouviu do outro. A pergunta é: "o que, então, estaria em operação ali?" Nos termos da proposta Interacionista de De Lemos (1992 e outros), essa diferença surpreendente de **distanciamento da fala do outro** marca um corresponde a uma mudança estrutural: um descolamento de posição, i.e., a criança **descola** da dependência dialógica estrita e imediata. Há **mudança de posição subjetiva**, i.e., de "falada pelo outro", a criança salta para a posição de ser "falada pela língua". Entre um e outro tempo estrutural há mudança **na natureza da repetição**. De fato, na primeira posição, há repetição da substância sonora de fragmentos do enunciado do outro; na segunda posição, ainda que a fala do outro esteja na da criança, esta perde assinatura e se transforma. A repetição adquire uma particularidade da maior relevância, como veremos.

Ruth Weir (1962), uma pesquisadora americana, orientada por Jakobson na Universidade de Harvard, surpreende-se com seu filho Anthony falando sozinho no berço, antes de dormir e, interrogada, grava e transcreve seus monólogos, tecidos por um paralelismo insistente⁴ – por uma **repetição que submete a fala da criança às restrições estruturais de uma língua**, ao ponto de suspender a coerência do que é dito. Vejamos:

- 1 What color
- 2 What color **blanket**
- 3 What color **mop**
- 4 What color **glass**

- 5 not the **yellow blanket**

³ Estudiosos de monólogos de crianças como a pioneira Ruth Weir (1962) e depois outros, como Kathrine Nelson (1989); Julie Gerhardt (1989) e outros passaram por esse tipo de acontecimento sem, contudo, tematizar e teorizar seja sobre o paralelismo, seja sua força coesiva estrutural. Reconhecem, porém, que a criança se comporta como "um poeta".

⁴ O paralelismo foi um dos fenômenos que mais impressionaram Jakobson, desde seus primeiros estudos do folclore russo.

- 6 the **white**
 7 It's not **black**
 8 It's **yellow**
 9 not **yellow**
 10 **red**
- 11 **Put on** a *blanket*
 12 white *blanket* and
 13 yellow *blanket*
- 14 **Where's** yellow *blanket*?
 15 yellow *blanket*
 16 yellow light
- 17 **There is** the light
 18 **Where's** the light?
 19 **Here is** the light

É característica do *paralelismo* a **repetição com diferença**, como se nota acima. Nele insiste uma grade estrutural/sentencial móvel que liga toda a sequência de enunciados; que **restringe** e dá suporte à expansão trôpega da fala da criança. A **repetição** estrutural é, portanto, coesiva no paralelismo. A **diferença**, que lhe é inerente, manifesta-se como efeito de intensa variação que ocorre em lugares estruturais; variação, esta, decorrente de **substituições** comandadas, aqui, pela dominância da operação metafórica, que inaugura a segunda posição.

Colocar em destaque o *paralelismo* exige dar reconhecimento a Jakobson (1960, 1966) que postula a **função poética** como “função”⁵ que não se restringe à produção estética (à poesia). Sua característica é referida a um modo de operação. Nas palavras de Jakobson: há **projeção do eixo metafórico sobre o metonímico**, que afeta toda sequência com a presença de equivalências sintáticas, rítmicas, métricas e sonoras (rimas, aliterações, etc.). Jakobson erige o *paralelismo* como manifestação-*princeps* e Milner destaca que, nesse gesto teórico, Jakobson faz da “função poética” parte integrante das leis de composição interna da linguagem (MILNER, 1987).

Jakobson (1966) interessou-se e estudou, ainda bem jovem, as variações do verso no folclore russo e, insatisfeito com as análises de conteúdo que devam relevo ao “*fundo histórico e mitológico de seus temas*” (*op. cit.*: 100), é, diferentemente, capturado por outro “fundo comum”: o de uma insistente **repetição estrutural**. Como Freud, nos chistes, Jakobson se interessa-se pela “técnica”, no caso, pelo paralelismo estrutural. Em outras palavras, ele se interessa pela “*organização interna...dos versos populares*” (*op. cit.*: 101). No folclore russo, diz Jakobson, o paralelismo “*liga, do princípio ao fim, versos contíguos*” (*idem, ibidem*). Também, é essa mesma **função coesiva**, que vemos ocorrer nos monólogos – uma força independente do efeito de coerência que se espera no discurso ordinário. Na função poética, sustenta Jakobson, há, com efeito, **rebaixamento da função referencial**. Como vimos acima, monólogos de crianças caminham apesar de saltos discursivos e de evasões metonímicas.

O paralelismo, que tem expressão notável na escrita de poemas, é primordial também nos monólogos da criança no berço - e monólogos, naturalmente, não são poesias. Neles, nos monólogos, o paralelismo é constitutivo do texto. Dito de outro modo, a **repetição com diferença**, que o movimenta, impulsiona e amplia a fala da criança, criando distância da fala do outro. Há, porém, repetições mortíferas, que **tendem à reprodução**: nelas, e fala e o falante cristalizam-se num efeito patológico. Seria possível, nesses casos, falar ainda em paralelismo? Pois bem,

⁵ As aspas servem aqui, para dizer que “função” é, na verdade, “mecanismo”, operação linguística.

paralelismo envolve repetição, mas convém sublinhar que ele nada tem de reprodução. Há sempre “*eloquentes variações fônicas, gramaticais e lexicais*” (JAKOBSON, 1980: 103). Enfim, o jogo entre repetição e variação é crucial, define o paralelismo. Assim, respondendo à questão: “quando a repetição tende à reprodução, quando há afrouxamento expressivo da tensão essencial entre repetição e diferença, pode-se ainda falar em paralelismo”? Diríamos que não, ainda que reste um semblante. Insistimos na “*nítida homogeneidade e eloquente variação*” como sua característica fundamental.

O privilégio dado ao paralelismo, nesta discussão, diz respeito ao fato de que ele ocorre no tempo estrutural da separação; acontecimento que, ao lado da alienação ao outro, responde pela estruturação subjetiva. Trata-se de um tempo que indicia a abertura para relações significantes que inusitadas que inauguram a relação da criança com o campo do Outro. Sendo assim, a mudança no perfil da repetição, que o paralelismo promove, desliga a criança da repetição da fala do outro e anuncia a emergência do sujeito-falante na cadeia significativa. Entretanto, como dissemos, essa mudança pode não aparecer quando é esperada. A jogada da função poética, a metaforização que ela implica não se introduz ou se cristaliza. A criança fica presa ao outro e sua fala se estende numa articulação metonímica de fragmentos conjugados, sem retroação, que a empurram na direção do *nonsense*, como no segmento que apresentamos a seguir:

SEGMENTO 1

Diálogo entre terapeuta e menina de 7 anos:

T. O que você fez no fim de semana?

Cr. Eu // eu ia pro aniversário, mas aí eu não fui porque... porque prá minha mãe, ela só ia se a minha tia... a minha, a .. a mãe da minha ... amigo do meu irmão.

Falas como essa põem em ato o insucesso de uma repetição sem a operação de ressignificação. Pausas são paradas que não comportam efeitos de retroação. Elementos se sucedem sem que a presença do anterior restrinja a do subsequente. O enunciado abre-se à deriva do sentido: “ela só ia se minha tia... a minha... a ... a mãe da minha... amigo do meu irmão”. Os fragmentos incorporados embaralham-se na progressão textual. A palavra do outro persiste pesada na da criança e põe em ato seu fracasso como falante, i.e., como presença que pode ser restritiva na cadeia significativa:

SEGMENTO 2

Terapeuta e menina de 8 anos

T. *O seu pai veio com você?*

Cr. Veio

T. *Vocês vieram de ônibus?*

Cr. Não.

T. *O seu pai trouxe você de **carro**?*

Cr. É ... **ele está trabalhando.**

T. *Trabalhando?! O que o seu pai **faz**?*

Cr. **Ele faz de propósito**

T. *Você assiste TV?*

Cr. Sim.

T. *Você tem televisão a cores?*

Cr. **É ... é verde.**

Essas repetições alienadas, coladas a pedaços isolados do enunciado do outro – no caso do segmento 2, a “faz”, “carro” e “cores”, que repõem cenas inesperadas no diálogo - prendem o corpo numa fala faltosa, numa repetição ignorante de si, que leva o falante a perde-se no deslizamento de sua fala. Não é diferente o que acontece no segmento 3, abaixo:

SEGMENTO 3

Terapeuta e menino de 5 anos

T: *Olha os blocos? Hoje nós vamos **construir casas?***

Cr: Hoje nós vamos **construir apartamentos?**

T: *Apartamentos?*

Cr: **Francisco Morato, três dormitórios...**

Na repetição especular denunciados do outro, termos são introduzidos, substituições são operadas, mas o que segue escapa ao diálogo em curso dada a intromissão de segmentos ecológicos que retornam de situações vividas: “Francisco Morato, três dormitórios...” e burlam a direção de sentido em elaboração do diálogo. Tais ocorrências contrastam com o que se assiste nos monólogos da criança porque colidem com o movimento de mudança estrutural e tendem a se cristalizar como estereotípias, que se distanciam da “eloquente variação” que caracteriza o paralelismo: distanciamento da fala do outro e início da relação com o Outro (tesouro dos significantes).

Procuramos mostrar a face heterogênea da repetição, implicando a problemática da diferença. O paralelismo serviu de disparador dessas considerações. Ele permitiu situá-lo como repetição com diferença na própria fala da criança e situar a repetição que o antecipa (repetição alienada à fala do outro, porta de ingresso na linguagem). Ele serviu, ainda, para distinguir a repetição sintomática, mortífera como fracasso da criança em “passar a outra coisa” (ALLOUCH, 1995), à entrada na relação com o Outro. Pudemos, com recursos linguísticos, delinear tipos ou classes de relações entre repetição e diferença. Perguntamos, agora: “poderia a singularidade ser recolhida da mesma forma e com os mesmos recursos utilizados até aqui?” Ou seja: “seria possível descrever o singular”?

No caso deste artigo, estas são perguntas retóricas porque “singularidade”, quando se assume a hipótese do inconsciente, só pode ser concebida como enigma, como uma interrogação e não como um resultado previsível que se nota, que se anota e descreve. Introduzir a problemática do inconsciente envolveria aprofundar a discussão sobre repetição e singularidade, tendo como pano de fundo a “compulsão à repetição” de Freud⁶ e, também, Lacan, que explora esse conceito a partir de outros dois de Aristóteles: *tiquê* e *autômaton*. Estes dois últimos permitem tangenciar repetição e singularidade na sua relação com o núcleo duro do inconsciente – o Real -, que não se deixa enlaçar pelos registros do Simbólico e do Imaginário, embora deles se sirva, mas que, quando se serve, abala a organização sintagmática e desvia o sentido.

Entende-se por *autômaton* “o que se move por conta própria”. Este movimento se apresenta como o desenrolar da cadeia significante inconsciente; ele é, portanto, relativo ao automatismo inconsciente que comanda a cadeia significante, que é, por sua vez, impulsionada

⁶ Citando Freud: “No inconsciente psíquico, pode-se reconhecer a supremacia de uma *compulsão à repetição*, proveniente das moções pulsionais e dependente, verossimilmente, da natureza mais íntima das pulsões, suficientemente poderosa para *situar-se acima [além] do princípio do prazer...*” (FREUD, 1919).

pela dominância do princípio do prazer⁷ (que se impõe ao retorno insistente dos signos). *Tiquê*, por sua vez, indica um além do *autômaton*, ou seja, aponta para um “mais-além-do-princípio-do-prazer” (ALMEIDA; ATALLAH, 2008). Aqui, trata-se do encontro com o Real do inconsciente - “encontro falho”, distante dos signos e que não se apreende, assim, como “lógico” na vida do sujeito (LACAN, 1998). Note-se que singularidade se aproxima disso, da repetição atrelada ao Real, aquela inesperada, que insiste e que está “para além” do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos. *Tiquê* surpreende. Lacan explica que o Real é o que “vige sempre por trás do *autômaton*” e, acrescenta ele, é o registro que sustenta toda a obra de Freud sobre o inconsciente (LACAN, 1998).

O Real traça seu percurso justamente na repetição já que **não faz cadeia**, embora insista, apareça inesperadamente e se introduza na cadeia e a desorganize. Esse acontecimento é, como dissemos, “um encontro falho” precisamente porque nunca “faz linha” nem retorne de forma esperada. Desse modo algo falha, algo fica sem significar. Na pulsação insistente do Real, quando *um ponto se abre*, algo de estranho e singular se imiscui na cadeia. Fato é que *tiquê* faz fenda e faz vacilar o que é *autômaton*. Em outras palavras, “a hiância, veste-se como *tiquê* por ser falho ou ilógico” (HARARI, 1990).

A articulação inteligente, sagaz, que faz Lacan acerca da repetição como ao acaso, indica que não consiste de uma reprodução de traços estáveis, de signos de conduta, de maneiras de pensar ou ver o mundo; mais precisamente, são circunstâncias surpreendentes, desconcertantes, ameaçadoras, as que entram em jogo. [...] (HARARI, 1990, p. 89)

Resumidamente, temos Real (*tiquê*) e Simbólico (*autômaton*) como registros que não se harmonizam: *autômaton* caracteriza-se pela função de restituir e *tiquê*, pela função de repetir. O que se tem como retorno relaciona-se à rede de significantes, logo, à *autômaton* e o que se apresenta como inassimilável, como encontro faltoso, diz de *tiquê* (HARARI, 1990). Nesse enquadre, a repetição que envolve singularidade é aquela que retira o sujeito da inércia: algo se desarranja e o questiona no encontro com o Real:

[...] esta repetição dada como que por acaso, marcou um trauma inassimilável enquanto impossível de ser pego pelos significantes, os quais não podem dar conta de sua condição. Assim, um resto Real permanece resistente, indomesticável a toda assimilação, a toda significação (*op. cit.*, p. 108).

Em Lacan, repetição não é reprodução, nem recordação e, muito menos, retorno de signos, i.e., singularidade não é *autômaton*:

... não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou com a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida. A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado ... (LACAN, 1998, p. 56).

⁷ De acordo com Roudinesco (1998), Freud (1920) em “Além do princípio do prazer” constata a repetição como fenômeno que ultrapassa o princípio do prazer, como força e o coloca ao lado de pulsão, que se mostra na tendência ao retorno, à repetição, no que diz respeito à busca do objeto perdido. Esse “além do princípio do prazer” é torção fundamental para a releitura que Lacan fará do conceito de repetição, elevada, por ele, à “conceito fundamental” da Psicanálise.

Para Lacan, a estruturação do sujeito implica um encontro paradoxal: ele é chamado a dar sentido a um Real que sempre lhe escapa e que o impulsiona a procurar, a (re)encontrar algo diferente. Esta é “a **própria invenção do sujeito, sua singularidade**, que comparece na hiância, no tropeço” (*idem, ibidem*) (ênfase nossa). Pois bem, é nessa direção que a discussão deve ser encaminhada quando se reconhece a hipótese do inconsciente – prenúncio, aqui, do que é necessário considerar e desenvolver. Entendemos que o interesse reside, no momento, em estabelecer outra direção argumentativa sobre a problemática da singularidade, que tem se tornado insistente nas discussões sobre aquisição da linguagem. Reiteramos: singularidade liga-se à repetição, mas na qualidade de um acontecimento que escapa à ciência, ao desejo de regularidade, homogeneidade e previsibilidade (LIER-DeVITTO, 2006). A Psicanálise articula repetição a inconsciente (ao Real). Trata-se de uma insistência, de uma “compulsão” disse Freud (1919, 1920), precisamente porque a singularidade que a impele é esquiva, imprevisível e se manifesta como semblante. Entende-se que Leite (2000) tenha afirmado que falar de singularidade é apontar para um fracasso do saber. Há, diz ela, resistência do Simbólico em cernir o Real. Singularidade, assim, é aquilo que não faz classe e que escapa à possibilidade de ser tratada a partir da ou pela relação Simbólico/Imaginário. Nisso reside o enigma da singularidade, que surpreende enquanto efeito. Na literatura de Aquisição de Linguagem sobre o assunto, afirma-se que o paralelismo nos monólogos de crianças são ininteligíveis. Talvez por isso ele não interesse ao campo. Os monólogos colocam limites às descrições gramaticais clássicas – Ruth Wier (1962) sentiu-se obrigada a recorrer às “funções da linguagem” de Jakobson (1960) para não perder os monólogos de Anthony nos exercício de descrição fonético-fonológicas e sintáticas, que comportavam incontáveis higienizações dos enunciados da criança. Falas de crianças são assim: exigem teorização porque descrições as empurram na direção da homogeneização e anulam a riqueza de seus desarranjos (LE MOS, 1982). Neles, algo especial e específico da ordem estruturação da linguagem e do sujeito se manifesta.

O paralelismo interessa, de fato, porque ilumina, no desfiladeiro da linguagem, fraturas e hiâncias de uma ordem que trunca a sucessão cadenciada da linguagem indicando que, na insistente repetição estrutural, algo do Real se insinua. Nessas fendas a cadeia hesita porque o paralelismo opera sob trabalho de uma lógica do não-todo, que não é aquele que comanda o raciocínio da ciência. Fato é que, como destacaram Lier-DeVitto e Fonseca (2012), quando o sujeito incide em algum ponto [da cadeia] tudo bascula – “esse é o processo de subjetivação” (MILNER, 1978, p. 104), que se instala na infância, mas que, por ser estrutural, insiste para além dela. Nessa direção, a fala não é abrigo do sujeito do inconsciente, embora ela possa ser invadida por ele. Nada mais oportuno para encerrar este artigo com a intuição de Weir (1962), orientanda e Jakobson em Harvard, que se surpreendeu com as construções em paralelo nos monólogos de seu filho Anthony. Embora ela não tenha retirado consequências teóricas do que viu - Weir estava ainda impregnada pela lógica do todo, que guia a Linguística, e que a impediu de mergulhar no caminho oblíquo que ultrapassa os limites da descrição dos padrões da língua. Fato é, contudo, que Wier foi afetada pela lógica do não todo e, aí, se aproxima de Freud. Houve lucros nessa aventura, que a levou até Freud (LIER-DeVITTO, 1998). Dele, a autora retira as palavras finais de seu livro sobre os monólogos: “A maneira mais adequada de caracterizar a natureza do parágrafo [...] é a descrição da técnica do chiste como *sense in nonsense*, por Freud” (WEIR, 1962, p. 142). Ela assinala nos movimentos dos eixos paradigmático (nas listas de substituições) e sintagmático (variação de possibilidades combinatórias) uma correlação entre os processos de deslocamento e condensação de Freud. Dai, a autora conclui que: “há sentido linguístico no não-sentido da criança” (WEIR, 1962, p. 146), ou seja, sentido estrutural, coesivo, estruturante.

Não se deve pensar, entretanto, que o prestígio atribuído a Freud na obra de Wier represente uma adesão ao pensamento do autor. Quando Freud fala em "sentido no não-sentido", ele não restringe a expressão a "operações técnicas", como faz Weir. Ele parece estar interessado nos **efeitos** produzidos por elas – nos efeitos de perturbação de sentido/significado (que a autora elimina de suas análises). De todo modo, Weir pode recuar de uma adesão cega às descrições pela gramática, afetada que foi pelas composições paralelísticas dos monólogos. Ela pode seguir os passos de Jakobson, sempre que os dados a desafiaram e os termos faltaram. Entendemos que, nesse solo movediço o melhor e o mais original de sua intuição roubaram a cena. Nesse momentos, Weir deixa de lado as "regras" e "padrões" da língua para falar de "operações" envolvidas nas sequências de montagem da sentença, que levanta o véu de um funcionamento que trabalha sob a força de outra lógica, que não a da ciência. Como assinala Lier-DeVitto (1998), Weir, por não mencionar ou chegar perto da questão central da Psicanálise, a introdução da hipótese do inconsciente, fica muito mais próxima de Vygotsky do que de Freud. Impossível, para nós, é não reconhecer que uma trilha foi deixada por Weir, uma trilha que pode render discussão sobre repetição e singularidade em outros termos, como procuramos fazer neste artigo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. P. e ATALLAH, R. M. F. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. *Ágora*, v.11, n.2 Rio de Janeiro: edição on line, pp. 203-218, 2008.
- De LEMOS, C. T.G. Aquisição da Linguagem e seu dilema (pecado) original, in MEISEL, J. (ed.) *Adquisición del lenguaje; aquisição de linguagem*. Frankfurt: Vervuert, pp. 11-20, 1982.
- _____. Los procesos metafórico y metonímico como mecanismos de cambio. *Substratum*, v. 1, n. 1 pp. 121-135. Barcelona: Meldar, 1992.
- _____. Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos, in: LIER-DeVITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Educ, 2006, pp.97-108.
- FREUD, S. O sinistro, in Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, (1919[1996]).
- _____. Além do princípio do prazer, in: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, (1920[1996]).
- GERHARDT, J. Monologue as a speech genre, in NELSON, K. (org.) *Narratives from the Crib*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1989.
- HARARI, R. Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan. Campinas: Papirus, 1990.
- JAKOBSON, R. Linguística e Poética, in *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, (1960[1969]).
- _____. Le parallélisme grammatical et ses aspects russes, in *Questions de Poétique*. Paris: Seuil, (1966[1973]).
- JAKOBSON R. e POMORSKA, K. *Diálogos*. São Paulo: Cultrix, (1980[1983]).
- LACAN, J. O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1964[1988]).
- LEITE, N.V. Apresentação: Sobre a Singularidade, *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Editora da Unicamp, vol. 1, nº. 38, pp. 39-49, 2000.
- LIER-DE VITTO, M. F. *Monólogos da criança: delírios da língua*. São Paulo: Educ - Fapesp.1998.
- _____. (2006). *Patologias da Linguagem: sobre as vicissitudes de falas sintomáticas*, in: LIER-DeVITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Educ, 2006, pp. 183-201.

_____ Abordagem de falas sintomáticas: sobre a condição intervalar da clínica de linguagem entre a linguística e a psicanálise, in SILVEIRA, E. M. (org.) As bordas da linguagem. Uberlândia - MG: EDUFU, v. 1, 2011, pp. 57-67.

MILNER, J. C. Amor da Língua. Campinas: Editora da Unicamp. (1978[2012])

NELSON, K. Monologues in the crib, in NELSON, K. (org.) Narratives from the Crib. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1989.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

WEIR, R. Language in the Crib. The Hague, Holanda: Mouton, 1962.